



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10888 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

**PUXANDO O FIO DA HISTÓRIA EM UMA PESQUISA SOCIOLÓGICA COM CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: CONTRIBUIÇÕES DO MODO DE PENSAR RELACIONAL EM PIERRE BOURDIEU**

Gabriela Albanás Couto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Luiza Turnes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/CNPq

**PUXANDO O FIO DA HISTÓRIA EM UMA PESQUISA SOCIOLÓGICA COM CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: CONTRIBUIÇÕES DO MODO DE PENSAR RELACIONAL EM PIERRE BOURDIEU**

A preocupação com a unificação entre as humanidades, o que acarretou a produção de uma sociologia histórica, se configura como uma marca do modo de pensar relacional de Pierre Bourdieu (1930-2002). Neste ano em que se lembram os vinte anos sem sua presença física, buscou-se, para este trabalho, realizar um diálogo entre as duas disciplinas, sociologia e história, a partir de algumas produções recentes que discutem a perspectiva de uma “sociologia histórica” e de uma “história sociológica”. Tem-se ainda, como objetivo do texto, apresentar como tal perspectiva foi mobilizada em uma pesquisa desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Educação da Região Sul do Brasil.

A referida pesquisa teve como objetivo geral compreender práticas sociais observadas em uma Associação de Coletores de Materiais Recicláveis a partir de uma perspectiva temporal. À época da pesquisa o empreendimento contava com cerca de 70 trabalhadores, que, em sua maioria, haviam sido extratores de erva-mate em sua cidade natal. A pesquisa buscou compreender como estes migrantes do Oeste Catarinense chegaram à capital do Estado no início dos anos 1990 e passaram a se constituir como coletores de papelão nas ruas da cidade, inicialmente como estratégia de sobrevivência. A coleta de dados identificou as composições e arranjos familiares presentes na Associação: 70% de seus membros faziam parte da mesma família, se considerados parentesco consanguíneo e civil. Desta feita, foram identificadas três gerações trabalhando juntas: os pioneiros, atualmente idosos, que fundaram

a Associação; a segunda geração, filhos dos fundadores, que na infância e adolescência acompanhavam os pais na lida e hoje administram o empreendimento de forma profissional; a terceira geração, de netos dos pioneiros. As duas últimas consideram a Associação como uma “herança” de seus antepassados e o trabalho feito ali como a continuidade de um legado familiar. Foram vislumbradas, desta forma, na pesquisa, questões relacionadas à passagem do tempo, aos saberes e valores transmitidos entre essas três gerações familiares, sua relação com o trabalho na reciclagem em seus diferentes significados e possíveis homologias com o trabalho no contexto rural.

Apesar de 20 anos de existência enquanto grupo organizado e de já estarem na terceira geração de catadores a partir dos primeiros familiares migrantes, ainda são observadas práticas do grupo pioneiro – similares às do trabalho no contexto rural, assinalando permanências em relação ao passado. Nesse sentido, buscou-se relacionar a trajetória social do grupo composto por trabalhadores rurais, coletores de erva-mate, a sua transição para a vida urbana e o posterior (e atual) trabalho na coleta de materiais recicláveis, visando compreender, desta forma, possíveis permanências e rupturas, no sentido da constituição de um *habitus* naquele grupo. Cabe destacar que *habitus*, conceito central da sociologia bourdieusiana, se constitui em “[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador das práticas e das representações” (BOURDIEU, 1983, p. 61). Os sentidos dados, por eles, à herança cultural familiar, à educação e à escolarização dos filhos e netos como aposta (ou não) para “um futuro melhor” também foram considerados como objeto de pesquisa.

Para tanto, foram mobilizadas as lentes interpretativas de uma sociologia histórica, fundamentada no *modus operandi* de Pierre Bourdieu. A pesquisa inspirou-se no *métier du sociologue* exaustivamente desenvolvido pelo sociólogo, do qual destacaram-se, as ideias de vigilância epistemológica e de objetivação participante, opções teórico-metodológicas que se fazem, também, opções políticas.

Para Bourdieu (2007) o tempo não é algo dado *a priori*. Pode-se romper com este ponto de vista ao reconstruir o ponto de vista do agente atuante, da prática social como uma ‘temporalização’, mostrando-se, assim, que as práticas sociais não estão no tempo, mas que fazem o seu tempo (BOURDIEU, 2007, p. 253). O tempo, portanto, é visto por Bourdieu como “o produto de um ato de construção, que se impõem às disposições e à prática e não à consciência pensante” (idem, p. 261) – os agentes sociais, por sua vez, se fazem *no* tempo e fazem *o* tempo. Da mesma forma, a memória – relacionada ao tempo – também é um fenômeno construído social e individualmente, e é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva (BOSI, 1994, 2003; HALBAWCHS, 2003; POLLAK, 1992).

A partir da noção de tempo construída por Bourdieu, trazida especialmente na obra *Meditações Pascalianas*, utilizou-se para a pesquisa a ideia de puxar “o fio da história”, buscando compor uma costura entre o passado e o presente dos agentes que formam a

Associação em questão, visando compreender suas apostas no tempo futuro, suas escolhas para si e para as novas gerações daquela composição familiar. Com isso, fez-se necessário retomar as origens sócio-históricas daquele grupo social.

Para Valle (2018), a sociologia bourdieusiana é fundamentada no diálogo com a história, algo edificado desde sua base. Assim, temos em seu *modus operandi*, a inspiração para “aproveitar a porosidade das fronteiras entre as nossas disciplinas, para nos movimentarmos entre a contingência histórica e a regularidade sociológica, para fazermos com que o passado e o presente dialoguem” (VALLE, 2018, p. 58).

De acordo com Valle, confrontações entre as disciplinas sociologia e história são canônicas e “nos permitem apontar distâncias e convergências entre as duas disciplinas”, ainda, “estão na raiz da sociologia ou, mais propriamente, da física social de Augusto Comte (1798-1857)”. Para a autora, Émile Durkheim (1857-1917), a seu tempo, também defendia “a pertinência de um diálogo interdisciplinar” e a unificação das ciências (VALLE, 2020, p. 3). A despeito dos esforços empreendidos por estes dois alicerces teóricos da sociologia francesa, o que se viu foi uma crescente especialização, o que acaba sendo abalado a partir dos movimentos de Maio de 68.

A preocupação com a cientificidade da sociologia francesa, que na metade do século passado ainda figurava como um saber marginal, dificultando sua institucionalização, volta a aparecer no calor das manifestações do Maio de 68, quando Bourdieu, Chamboredon e Passeron publicam *A profissão de sociólogo* (1968). Com a intenção de elevar a sociologia ao ranking das ciências, esses autores revisitam pensadores clássicos de grande peso para as ciências humanas e sociais e propõem uma espécie de atualização de *As regras do método sociológico* (1895), de Émile Durkheim (VALLE, 2020, p. 4).

Faz-se necessário reconhecer também as contribuições de Norbert Elias (1897-1990) para quem, de acordo com Valle (2021) a dimensão “tempo” ocupa um lugar essencial em sua sociologia. Para este estudo, foi importante considerar o tempo, a partir do pensamento de Elias, como “tempo social” a partir de um olhar para a história de longa duração. Nesse sentido, tanto Elias quanto Bourdieu edificam uma sociologia relacional, de tripla dimensão: sociológica em suas técnicas e conceitualizações, antropológica em suas descrições e histórica em suas perspectivas. Para Valle (2021, p. 2), “[o] desafio que se impõe, portanto, ao pesquisador é a complexificação crescente da investigação dos fenômenos sociais, políticos, culturais, assim como as incertezas que cercam, na contemporaneidade, a própria condição de cientificidade da ciência”.

Sendo, portanto, tempo e espaço categorias sociais e, corroborando com Bourdieu e Elias na abordagem relacional dos fenômenos sociais, passamos, nessa pesquisa, a considerar o contexto brasileiro, em que uma diversidade de tempos históricos convive em uma “modernidade difícil” (MARTINS, 2008). Essa modernidade à brasileira, “frágil, anômala, inacabada”, que acaba por “incorporar relações sociais datadas, vestígios de outras estruturas e situações vitais que são ainda, no entanto, realidades e relações vivas e vitais” nos instiga a fazer uma sociologia do homem simples, a saber como a História irrompe na vida de todo dia

(MARTINS, 2008, p. 10). E que “anuncia a historicidade do homem nesses desencontros de tempos, ritmos e de possibilidades, nessas colagens” (idem, p. 20).

A figura do catador de materiais recicláveis sintetiza esse “desencontro dos tempos históricos” de que nos fala Martins: “nossas desigualdades sociais são também nosso descompasso histórico em relação ao que já é real em outras partes, que nos chega fragmentariamente” (MARTINS, 2008, p. 25). As fronteiras sociais entre a metrópole e o sertão – e seus diferentes e divergentes tempos sociais e históricos – exploradas na pesquisa empreendida por Frochtengarten (2009) com estudantes de um curso noturno de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Paulo, pode ser compreendida como uma expressão desta “modernidade que não se completa”. Em alusão a Guimarães Rosa, Martins (2008) explica que a sociedade brasileira vive em permanente travessia: “É na travessia, na passagem, no inacabado e inconcluso, no permanentemente incompleto, no atravessar sem chegar, que está presente nosso modo de ser” (MARTINS, 2008, p. 22). As fronteiras entre rural e urbano, entre sertão e metrópole, coexistem na figura destes personagens híbridos, entre os quais podemos situar os sujeitos da pesquisa que estamos apresentando.

Neste sentido, dedicamo-nos à defesa do direito à memória do “homem simples”, ao buscar reconstruir histórica e sociologicamente a trajetória de uma família, situando-a no tempo histórico e no espaço social. Considerando com Pollak (1992, p. 204) a memória como “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Nesse sentido, o esforço realizado pela pesquisa aqui apresentada foi o de costurar fontes bibliográficas, documentais e orais, valorizando a história oral como história do tempo presente.

Este estudo sociológico, de cunho etnográfico, se dedicou, dentro da perspectiva histórica, em tratar do passado dos agentes em questão como “o tempo da erva”: raízes da Associação - expressão pinçada das falas dos entrevistados, para mostrar brevemente a origem geográfica, social, étnica e cultural desses agentes. As pesquisas empírica e documental puderam localizar sua origem étnica e socioeconômica, reconhecendo-os como descendentes de população cabocla catarinense. Sob este aspecto, a pesquisa remonta à história da ocupação do solo e das lutas em torno desta temática empreendidas na porção Oeste do Estado de Santa Catarina. Esta compreensão auxiliou a situar o objeto no contexto da própria história brasileira, buscando elucidar raízes das desigualdades sociais e demais mazelas que estão na base da formação de nossa sociedade, sendo questões estruturantes de nosso contexto social e, conseqüentemente, educacional.

Na literatura que analisa o que seria a origem étnica e sociocultural dos participantes da pesquisa, buscou-se o suporte teórico para compreender as permanências e/ou as possíveis rupturas em relação ao que apontaram na empiria como sendo o “tempo da erva”, a fim de investigar a pertinência ou não da constituição de um *habitus* a partir desta origem.

Corroborando o pensamento de Auras (2015), marcou-se posição política em relação à

temática ao buscar contar a história do “ponto de vista dos vencidos” e de Renk (2006), ao tentar “contribuir para uma contra-história desta minoria” (RENK, 2006, p. 11).

D’Angelis (1995, p. 144) afirma que abordagens como a de nossa proposta de pesquisa acabam sendo mais que escritos: “trata-se de um compromisso com a sobrevivência e com a libertação de povos oprimidos”. Para este autor, não há escrito e interpretação histórica que não seja comprometida, ou com a manutenção da ordem vigente ou com a construção de uma sociedade melhor. Configura-se, assim, como ciência engajada, no sentido dado por Bourdieu (2005).

As fontes utilizadas, também, são os relatos coletados em campo, especialmente da geração mais velha que compunha a Associação de Coletores. Segundo Auras, a raridade de fontes sobre o assunto nos mostra que “a história dos vencidos é também espoliada dos documentos oficiais” (AURAS, 2015, p. 25). Daí a relevância acadêmica e o compromisso ético e político de nos debruçarmos sobre esta história, porém, invertendo a lógica dominante do ponto de vista “dos vencedores”.

Se por um lado se partiu do que fora produzido sobre o processo de ocupação da região Oeste de Santa Catarina, especialmente estudos de abordagem historiográfica e antropológica, por outro, ao fazer o movimento histórico-sociológico de partir da realidade do tempo presente para puxar o “fio da história”, em uma espécie de arqueologia do objeto de pesquisa, foi possível, também, construir novos conhecimentos a partir do olhar deste grupo social específico que são os catadores de materiais recicláveis. Esse movimento teórico-metodológico se constituiu em realizar uma breve revisão sobre a história da formação da região Oeste de Santa Catarina, especialmente da cidade de Chapecó, de onde se originaram nossos sujeitos, por meio de uma abordagem étnica, a da construção da identidade cabocla como resultado do processo de ocupação e colonização deste território. Em seguida foram trazidos os depoimentos coletados em campo, para mostrar as interfaces entre a bibliografia consultada e os acontecimentos na trajetória da família que é foco da pesquisa.

Para Renk (2006), a constituição da identidade cabocla, a qual a pesquisadora preferencialmente se refere como “nação brasileira” ou “os brasileiros”, é construída por ocasião e em oposição ao processo de chegada dos colonos europeus, sobretudo italianos, que ela identifica como sendo “os de origem”. A trajetória dos brasileiros, a quem a colheita da erva-mate “se destinava”, só “pode ser abordada em relação à trajetória dos italianos” (RENK, 2006, p. 230). A abordagem relacional de inspiração bourdieusiana, realizada por esta autora, revela que o reconhecimento étnico é “um caminho de mão dupla”. Só é possível compreender um grupo em contato com outro, “com deslocamentos e posições diferenciadas no espaço social e cujos discursos são construídos, na maior parte das vezes, um em oposição ao outro” (idem, p. 230).

As relações de dominação constituídas mediante um longo processo histórico, desde a perda das terras, a exclusão a partir da colonização e a falta de opções neste processo nos

remeteram aos estudos de Pierre Bourdieu na Cabília, onde iniciou sua teoria sobre a dominação social, desenvolvida ao longo de toda a sua obra. Os membros da Associação seriam produto dessas relações e a sua situação atual, conforme os resultados da pesquisa revelaram, mostra que permanecem ocupando a posição de dominados no campo social do qual fazem parte, o da gestão de resíduos sólidos na cidade onde estão instalados. A relação dos catadores com o poder público municipal encerra violência simbólica. Embora o poder estatal se beneficie de sua força de trabalho – que gera economia ao município e ajuda a manter a qualidade de vida na cidade – reforça-se, ano após ano, a dominação das instituições “de apoio” sobre os catadores. As estratégias são veladas e aparecem na forma de ajuda, doação de material. O que se verificou na pesquisa é que a Associação vive sobre constante ameaça de perda do galpão, de deixarem de existir como associação, de serem deixados pelo poder público, praticamente não contam com suporte técnico – ao contrário do que alegam as instituições apoiadoras – e recebem um material cada vez mais de baixa qualidade. Apesar de tudo isso, são produtivos, merecendo destaque no cenário regional e nacional, mas pagam um alto preço em formas de cobranças e de humilhações por serem assim.

Inspirada no *métier du sociologue* de Pierre Bourdieu, adotamos neste trabalho uma abordagem relacional: entre a atividade de extração de erva-mate e a coleta de materiais recicláveis; entre passado e presente de um grupo social que se desloca do meio rural ao urbano; entre enraizamento e desenraizamento; entre as esperanças subjetivas, materializadas, mais recentemente, pela aposta na escolarização de si e dos filhos e as oportunidades objetivas marcadas por profunda desigualdade social e relações de dominação duradouras, que atravessam as gerações. Procurou-se, assim, como nas palavras de Benjamin (1989), “fazer história com os detritos da História”.

Assim, trabalhar com Pierre Bourdieu, mobilizando seus conceitos para objetos e períodos que não foram historicamente considerados importantes e mais, ir além dos conceitos, trabalhando com as suas perspectivas, com a ideia de um pensamento relacional, que considera a vigilância epistemológica e a objetivação como fundamentais nesse *modus operandi* não foram, contudo, tarefas fáceis, mas, diante do exposto, foi ao que nos propusemos e nos lançamos diante de um objeto sociológico tão rico e desafiador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia Histórica. Pierre Bourdieu. Práticas Sociais.

## REFERÊNCIAS

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado:** a organização da irmandade cabocla. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

BENJAMIN, Walter. Fragmento de Paris do Segundo Império. In: **Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

CHARTIER, Roger. Entrevistador de Pierre Bourdieu. In BOURDIEU, P. & CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos índios no Oeste Catarinense. Centro de Organização da Memória Sociocultural do Oeste de Santa Catarina – CEOM. **Para uma história do Oeste Catarinense**. 10 Anos de CEOM. Chapecó, SC: UNOESC, 1995, p. 141-219.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Caminhando sobre fronteiras**. O papel da educação na vida de adultos migrantes. São Paulo: Summus, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva**: um ofício étnico no oeste catarinense. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006.

VALLE, Ione Ribeiro. O mais historiador dos sociólogos: Norbert Elias entre a generalização sociológica e a diferenciação histórica. **Revista Entreideias**: Educação, Cultura e Sociedade, 10(2), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/re.v10i2.37477>. Acesso: 30 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogos entre sociologia e história: suas contribuições à edificação de uma sociologia da educação no Brasil. **Perspectiva**, Florianópolis, Brasil, v. 38 n. 3 (2020): Dossiê Sociologia Crítica da Educação: Raízes, Balanço e Perspectivas, Métodos e Objetos. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/66334>. Acesso: 30 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. Sociologia Histórica ou História Sociológica? Diálogos a partir de Pierre Bourdieu. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 25, p. 49-60, abr./jun. 2018. ISSN: 2358-1425 (versão online). Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7502>. Acesso: 16 fev. 2019.

